

CADERNOS 27

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Os Muitos Mapas da Irlanda

Os Muitos Mapas da Irlanda

Organizar um número especial da *Cadernos de Literatura em Tradução* é sonho de muitos anos. Começamos isso em 2013 e interrompemos a tarefa por várias razões. Alguns colegas tomaram outros rumos, publicaram em outras revistas, modificaram os textos para outros propósitos. Deixamos a ideia na gaveta. É como se a festa tivesse sido suspensa porque os convidados mudaram o endereço da noitada! Suspendemos a celebração e a retomamos em 2023, dispostos a fazeremos minimamente um convescote que fosse. Oferecemos um *chá da tarde*, com perdão da ironia, mas daqueles comparáveis a um *café colonial* servido no sul do Brasil e em outras regiões...

E tal como nos *cafés coloniais*, dispomos aqui na farta mesa das ideias e(m) tradução de muita diversidade temática e de gênero. Temos poesia, conto, romance, cartas e ensaio. Pretendemos saborear a Irlanda literária para além do que é conhecido tradicionalmente. Aliás, pensar num Especial Irlanda significa divulgar mais a República da Irlanda e seus mapas, pensar a sua história e dar a conhecer algo mais profundo do que o cânone ou daquilo que as pessoas conhecem do país, depois de saber que os autores que tradicionalmente são considerados “ingleses” porque escrevem em inglês e aparecem em antologias de literatura inglesa são, na verdade, irlandeses! Como é a Irlanda traduzida pelo mundo? O nosso sonho era expandir isso ainda mais para outras línguas e países, mas “o tempo do verão é bem curto” para aqui não nos esquecermos do bardo inglês e do seu soneto XVIII. E então, trazemos aqui recortes em japonês, espanhol, galego, inglês, gaélico e português brasileiro, a partir do qual misturamos os produtos tradutórios comentados, de maneira a transpormos metonimicamente isso dos vários mapas da Irlanda. Por óbvio, não nos referimos apenas ao norte-sul, às diferenças linguísticas (gaélico e inglês), às religiosas (catolicismo e protestantismo) ou ainda aos estilos de vida pastoral e urbano, mas, sobretudo, às vivências do país em outros países.

O impacto da fase do Tigre Celta – como ficou conhecida a Irlanda nos anos 1990 – na economia global trouxe um crescente interesse pela sua cultura, que alterou o fluxo migratório tradicional de emigração à imigração, ou seja, de um país que exportava os seus civis para um país que passa a receber ainda mais imigrantes de outras partes do globo, nomeada e principalmente, da Polônia e do Brasil, dentre outros. Se os irlandeses estão no mundo, como são lidos? E, então, como são traduzidos?

Temos aqui uma valiosa mostra. Veremos como Manuela Palacios, na Espanha galega, tem vindo a pensar isso em termos de poesia. E, também, como María Graciela Eliggi na Argentina reflete sobre a tradução que fez de Elaine Gaston. Ainda a partir da Argentina, Nahuel Videla nos convida a ler a contista Mary O’Donnell, enquanto que Ana Flávia Will e Mirian Ruffini oferecem-nos a mesma contista (com outra estória) em português. Os ecos de romances contemporâneos podem ser ouvidos nos trabalhos de Alinne Balduino Pires Fernandes e Victor Fermino, a partir das suas seletas traduzidas e comentadas. As respostas poéticas irlandesas à catástrofe da Segunda Grande Guerra e uma reflexão crítica feita por Irene De Angelis (a partir da Itália, mas em inglês) é traduzida por Marina Bertani e Rafael Lima.

Ainda que a chamada dos trabalhos tenha dado conta dos “últimos oitenta anos”, tendo por base a ideia de “contemporaneidade”, arriscamo-nos a quebrar o protocolo desta e avançamos aceitando dois trabalhos que supostamente se refeririam à literatura tradicional irlandesa, pois tratam do grande nome literário que comumente se associa à Irlanda: James Joyce. Mas aqui chegamos à transculturalidade evidente, investigando como Joyce tem sido relido no Brasil, tanto na poesia (e(m) tradução), pelas mãos de Vitor Alevato, quanto nas epístolas ainda inéditas em língua portuguesa, pelas mãos de Elisa Abrantes.

Como não poderia deixar de ser, brindamos o nosso passeio com o que de mais comum e refinado há na literatura irlandesa: sua poesia! E a partir de autores também inéditos em português e em japonês, nomeadamente, Pat Boran – um dos grandes nomes da cena contemporânea, com sua intermedialidade fenomenal – pelas mãos de José Huguenin e Michael Kearney, por Setsuko Adachi.

Por fim, temos a honra da presença, sob a forma de ensaio, da grande poeta, dramaturga, roteirista e tradutora Celia De Freine. Como já tem sido presença marcante entre os estudiosos da Irlanda no Brasil no formato de entrevistas publicadas no *Abei Journal* e no canal da Cátedra W. B. Yeats, convidamo-la a apresentar traduções do gaélico ao inglês. E eis que a sua resposta é o ensaio magnífico que aqui trazemos.

Esperamos que todos se deliciem e se lambuzem!

Aproveitem! Enjoy! Goza! Disfrutar!

Bain taitneamh as!

たくさん楽しんでください

Gisele G. Wolkoff

Pedro Mohallem